

DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

O MISTÉRIO DA CASA VERDE

MOACYR SCLiar

ea
editora ática

O mistério da Casa Verde
© herdeiros de Moacyr Scliar, 1999

Editora-chefe	Claudia Morales
Editor	Fabrizio Waltrick
Editores assistentes	Carmen Lucia Campos Otacílio Nunes
Preparadora	Lizete Mercadante Machado
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Luciene Lima
Estagiária	Fabiane Zorn

ARTE	
Diagramadora	Thatiana Kalaes
Editoração eletrônica	Estúdio O.L.M.
Ilustrações	Gonzalo Cárcamo
Ilustração de Machado de Assis	Samuel Casal

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S434m
2.ed.

Scliar, Moacyr, 1937-2011
O mistério da Casa Verde / Moacyr Scliar ; ilustrações de
Gonzalo Cárcamo. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2008.
88p. : il. - (Descobrimdo os Clássicos)

Contém suplemento de leitura
Inclui apêndice
ISBN 978-85-08-12066-6

1. Assis, Machado de, 1839-1908. O Alienista. - Literatura
infantojuvenil. I. Cárcamo, 1954-. II. Título. III. Série.

08-4140. CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12066-6 (aluno)
ISBN 978 85 08 12067-3 (professor)

2013
2ª edição
5ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2000
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - CEP 02909-900 - São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 - atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br - www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



MISTÉRIOS DE ONTEM E DE HOJE NO ASILO MAIS FAMOSO DA LITERATURA BRASILEIRA

Na falta de outro lugar, Arturzinho resolveu criar um clube para sua turma num antigo casarão abandonado, que é lendário na pequena cidade de Itaguaí, no Rio de Janeiro. Ali, na chamada Casa Verde, cerca de dois séculos antes, havia funcionado um asilo para doentes mentais, cuja história inspirou o escritor Machado de Assis a escrever um de seus contos mais célebres: *O alienista*.

Reunindo sua turma — Pedro Bola, André Catavento e Leo —, o rapaz organiza uma expedição à Casa Verde, para dar início ao projeto. Mas os quatro vão ter que abrir uma entrada na parede dos fundos da casa, já que as portas e janelas originais foram emparedadas há muitos anos. No interior sombrio do casarão, uma primeira surpresa: o ambiente está completamente limpo, não se encontra nem um sinal de sujeira, que deveria ter se acumulado ali com o passar dos anos.

Porém, outra surpresa maior espera os rapazes atrás de uma porta fechada, onde um letreiro exhibe a palavra “Director”. Um enigma que, para ser decifrado, levará Arturzinho, André, Pedro e Leo a tomar contato com o próprio conto de Machado de Assis. Assim, os quatro descobrem *O alienista*, um texto curto, bem-humorado e gostoso de ler, na opinião deles mesmos, e ao mesmo tempo uma obra que faz uma reflexão profunda sobre a autoridade e o poder. Mas de que

modo um texto literário, escrito há mais de cem anos, pode ajudar a explicar os fatos presentes?

Contando uma trama marcada pelo mistério, que acaba por envolver quatro jovens da Itaguaí de hoje numa aventura fantástica, Moacyr Scliar — um dos mais importantes escritores brasileiros da atualidade — reconta *O alienista*, um “clássico” da literatura brasileira. Proporciona, assim, um duplo prazer para o leitor: a oportunidade de conhecer um conto fascinante de um dos maiores autores brasileiros de todos os tempos e também a história de um grupo de adolescentes que, batalhando pelos seus objetivos, descobrem a solidariedade e enriquecem suas vidas.

Os editores

SUMÁRIO

1	No qual Arturzinho e seus amigos bolam um ousado plano para entrar na Casa Verde	9
2	No qual, mais calmos, eles tentam decifrar o mistério da Casa Verde	19
3	No qual eles se apresentam ao hóspede da Casa Verde	24
4	No qual as coisas começam a se esclarecer	34
5	No qual Arturzinho descobre quem é a garota misteriosa	48
6	No qual Arturzinho recebe uma ajuda inesperada ..	54
7	No qual a situação se complica	59
8	No qual as coisas se precipitam e tomam rumo imprevisto	63
9	No qual o suposto alienista deixa de ser alienado ...	70
10	No qual os fantasmas revivem	73
	Outros olhares sobre <i>O alienista</i>	79





• 1 •

.....
No qual Arturzinho e seus
amigos bolam um ousado plano
para entrar na Casa Verde
.....

Sob muitos aspectos, Itaguaí em nada difere de outras pequenas cidades brasileiras. As mesmas disputas entre dois tradicionais times de futebol, o Itaguaense e o Conquista, as mesmas brigas políticas entre governo e oposição, as fofocas no “Vespeiro”, o largo que fica no centro, ao lado da prefeitura e que serve de ponto de reunião no fim da tarde. Contudo, há uma peculiaridade: Itaguaí é uma cidade histórica, antiga. Chegou a ser importante à época do Império e nas primeiras décadas do século XX. Aos poucos foi perdendo importância, à medida que, por causa do desmatamento acelerado, ia desaparecendo a principal fonte de riqueza da região, a exportação de madeira. Desse passado restam poucas lembranças: o chafariz da praça, em bronze, importado da Europa, o vetusto prédio da prefeitura velha (há uma nova), alguns objetos conservados no pequeno museu da cidade, pouco frequentado; as ruelas sinuosas do Lavradio, bairro antigo, onde agora funciona o pequeno comércio do centro, composto de lojinhas de artigos populares.

Mas, diferente de outras pequenas cidades, Itaguaí tinha até há pouco tempo um mistério. Este mistério era represen-

tado por um lúgubre casarão situado no meio de um grande terreno, na rua Nova. Apesar do nome, a rua Nova era das mais antigas da cidade e, em outros tempos, tinha sido a mais bela. Com o tempo, porém, a rua Nova se fora deteriorando; as antigas mansões estavam em ruínas, desabitadas ou então ocupadas por mendigos.

O casarão mencionado era conhecido como Casa Verde. O nome aludia à cor das janelas — numerosas, cinquenta de cada lado — mas a pintura de há muito se fora. Na verdade, nem janelas existiam mais: para evitar que o lugar fosse invadido, algum prefeito mandara murá-las. Murada fora também a porta de entrada, o que dava ao local um ar ainda mais fantasmagórico. Os moradores das redondezas o evitavam. Preferiam até atravessar a rua a passar na frente da casa. Havia razões para tal temor: em Itaguaí, todos diziam que a centenária Casa Verde era mal-assombrada. As mães, quando queriam ameaçar os filhos — porque não comiam, porque recusavam ir para a cama — recorriam a uma tradicional ameaça:

— Olha que eu vou botar você na Casa Verde, e de lá você nunca mais sai.

Era o que bastava para que as crianças imediatamente se comportassem como anjinhos. Com a Casa Verde ninguém brincava. Apesar de ela ter sido celebrada por Machado de Assis em *O alienista*, ou talvez até por causa disso, muitos itaguaienses achavam que era melhor evitar o assunto. Que era objeto de polêmica. A professora Isaura, por exemplo, que lecionava no ensino médio da Escola Itaguaí, era uma entusiasta defensora da obra do grande escritor. É preciso ler *O alienista*, sustentava, para entendermos o passado de nossa cidade, e para desfazer as lendas sobre a Casa Verde. Outras pessoas discordavam. Achavam que a obra havia prejudicado a imagem de Itaguaí e que o melhor era esquecê-la.

Por que se dizia que a Casa Verde era mal-assombrada? Nunca ficou bem claro: as origens da lenda perdiam-se no

tempo. Sabia-se — e daí teria se originado a obra de Machado — que ali funcionara, em outros tempos, um hospício, um lugar para loucos. A tal aludia o dístico gravado sobre o frontispício: “São veneráveis os loucos: Deus tirou-lhes o juízo para não pecarem”. Entre parênteses, o nome do suposto autor, o papa Benedito VIII. De fato, a frase era do Corão, o livro sagrado dos muçulmanos; a menção ao papa era para evitar conflitos com os católicos.

Um lugar para loucos, certo; mas isto não explicava o temor que nos itaguaienses despertava a Casa Verde. Antigos hospícios existem em muitas cidades, e alguns deles seguem funcionando, e apesar da aparência em geral sombria, não chegam a inspirar temor. Não, a razão forçosamente seria outra. Qualquer que fosse a causa, a má fama da Casa Verde era alimentada por constantes rumores: não faltava quem garantisse ter ouvido ali, à noite, gritos e gemidos.

Nem todo o mundo, em Itaguaí, partilhava de tais temores. Arturzinho era um deles. Conhecido como o Xereta — os amigos diziam que se metia em tudo —, sempre tivera uma enorme curiosidade em relação ao local, que conhecia desde criança: uma tia morava não longe dali, e quando o convidava para passar o fim de semana com ela o Arturzinho não se fazia de rogado. Passava horas rondando o soturno lugar. Crivava a tia de perguntas a respeito; a boa senhora persignava-se e pedia que mudassem de assunto: aquilo não era coisa sobre a qual gostasse de falar. Melhor, dizia, era deixar as assombrações em paz; que o sobrinho esquecesse a Casa e parasse de ir até lá, sob pena de criar confusão.

Esquecer, porém, não era um verbo muito usado no vocabulário de Arturzinho, que não costumava desistir facilmente das coisas. Perseguia seus objetivos com tenacidade, mesmo que envolvessem confusão. Melhor dito: principalmente se